

BOCAGE E FILINTO: DUAS MANEIRAS DE TRADUZIR OS CLÁSSICOS¹

BOCAGE AND FILINTO: TWO WAYS OF TRANSLATING CLASSICS

BRUNNO V. G. VIEIRA

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - BRASIL

brvieira@fclar.unesp.br

Resumo: A diferente modulação estilística de Bocage e Filinto Elísio ao traduzir o poeta épico latino Lucano (séc. I d. C.) manifesta duas vertentes distintas entre as práticas de tradução literária lusófona do séc. XVIII em diante. Cada um desses poetas oferece nas suas versões de Lucano um resultado estético singular: Bocage privilegia a língua de chegada e procura acomodar o latim às leis de naturalidade, clareza e simplicidade sob as quais ele próprio praticava poesia; Filinto Elísio procura uma tradução mais literal do poeta latino, preservando elementos do texto de partida tanto no nível lexical como no nível sintagmático, seguindo de perto as dificuldades e obscuridades próprias do poema de Lucano. Essas duas maneiras de traduzir refletem vertentes literárias e estéticas, identificadas já por Garrett, que ficaram conhecidas posteriormente por Elmanismo e Filintismo.

Palavras-chave: Bocage; Filinto; Lucano; Estudos de tradução.

¹ Este artigo é uma versão revista e ampliada do texto apresentado oralmente no II Colóquio Internacional A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura, ocorrido em dezembro de 2013 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, contou com o apoio da FAPESP.

Abstract: The different Bocage and Filinto Elísio's stylistic modulation in translating the Latin epic poet Lucan (1st Century AD) expresses two different practices between Lusophone literary translation from the XVIII century. Each one of these poets offers in their own versions of Lucan a singular aesthetic result: Bocage privileges the target language and seeks to accommodate the Latin to the laws of naturalness, clarity and simplicity under which he himself practiced poetry; Filinto Elísio looks for a more literal translation to the Latin poet, preserving elements of the source text at both the lexical and syntagmatic level, closely following the peculiar difficulties and obscurities of the Lucan's poem. These two ways of translating reflect literary and aesthetic aspects, already identified by Garrett, which later became known as *Elmanismo* and *Filintismo*.

Keywords: Bocage; Filinto; Lucan; Translation studies.

Manuel Maria de Barbosa du Bocage, como ele mesmo expõe no prefácio à *Eufêmia ou o Triunfo da religião* – sua primeira tradução publicada², que leva, portanto, as bases do seu programa tradutório –, baseia-se na premissa horaciana do *nec uerbum uerbo curabis reddere fidus/interpres*³ (“*não traduzir termo por termo como intérprete/fiel*”), declarando, “*conservar na dicção toda a fidelidade possível, exceto nos lugares onde os gênios das duas línguas discordam muito; então, apoderado do pensamento do Autor, tratei de o representar a meu modo*”⁴. A fidelidade na dicção a que ele se refere tem relações estreitas com o uso do decassílabo e com os ideais estilísticos neoclássicos vigentes de melodia e pureza.

Assim como os manifestos estéticos são motivados por rupturas de gosto e de estilo, muitos programas tradutórios nascem do embate de diferentes posições teóricas acerca da tradução. Bocage, embora

² Bocage 1793.

³ Hor. Ars 134-135. É o próprio Bocage quem cita Horácio em trecho que hoje entendemos referir-se mais às práticas de imitação presentes na antiguidade do que propriamente à tradução.

⁴ Bocage 1793: 4.

costumasse fazer reflexões metatradutórias em seus prefácios, só deu a lume uma exposição cabal de sua idéia de tradução diante da crítica provinda de um literato, seu contemporâneo, chamado José Agostinho de Macedo⁵. Acusado por este de fazer “rasteiras cópias de originais soberbos”, Elmano sai em defesa própria expondo sua visão de tradução baseada em uma fidelidade ao “caráter do texto” original, mas a ponto de não comprometer a fluência e a melodia do texto traduzido:

Verter com melodia, ardor, pureza
o metro peregrino em luso metro,
dos idiotismos aplanando o estorvo,
de um, doutro idioma discernido os gênios,
o caráter do texto expor na glosa,
próprio tornando, e natural o alheio.⁶

Filia-se Bocage à tendência tradutória para a qual o dado fundamental é liquidar o estranhamento no texto de chegada. Assim, manter características tais como “melodia”, “pureza”, “luso metro”, no texto em português, bem como a idéia de “naturalidade” constituem as bases dessa vertente bem definidas nas seis leis de tradução de Cândido Lusitano no prefácio de sua *Eneida* que eu sintetizo aqui a seguir:

169

1ª Traduzir em estilo, não só correspondente, quanto for possível, ao do texto, mas claro, fluido, natural, desembaraçado e correto na linguagem;

2ª Lendo a tradução, quem não souber ou se esquecer do texto, a possa ter por digno original da sua linguagem, julgando-o assim pela clareza, desembaraço, propriedade, elegância e caráter do idioma, sem cheiro, sabor, e vizes de outro algum estranho;

⁵ Oliva Neto oferece uma aguda análise dessa polêmica no prefácio das *Metamorfoses* de Bocage (2000: 20-24). O trecho de Macedo citado em seguida foi tomado aí.

⁶ Bocage 1853: 148.

3º Traduzir com fidelidade e exatidão, exprimindo, quanto for possível, os vários estilos, as ênfases, as energias e até a mesma índole;

4º Não acrescentar conceito e expressões notáveis que o original não tenha, nem seu autor diria;

5º Não copiar por circunloquções longas e afetados rodeios o que achar exprimido em toques sucintos, naturais e simples, salvo, acrescenta Cícero, se o pedir a necessidade, atendendo ou à decência, ou à índole da linguagem, ou à sua pobreza;

6º Por onde, não deve o tradutor empenhar-se, diz o mesmo Túlio, em pagar por conta escrupulosa e exata, mas por peso fiel.⁷

No episódio da *Farsália* traduzido por Bocage, a que foi dado o subtítulo “Bosque de Marselha” (III, 399-448), o método tradutório que ele parece ter seguido consistia na divisão do texto latino em “núcleos de sentido”, segmentando-os em unidades métricas e rítmicas do português na tradução. Desse modo, Elmano tenta recriar o fluxo sintático e semântico do texto de partida – aquilo a que Ezra Pound chamaria de logopeia –, buscando reconstruí-lo a partir dos princípios estéticos de seu tempo, procurando os traços de “melodia, ardor, pureza”, bem como a expressão de uma naturalidade do “metro peregrino em luso metro”. Nota-se, inclusive, uma “clarificação” das obscuridades presentes no texto de partida, na linha do que ditara Cândido Lusitano: “traduzir em estilo, não só correspondente, quanto for possível, ao do texto, *mas claro, fluido, natural, desembaraçado e correto na linguagem*”.

iam fama ferebat

*saepe cauas motu terrae mugire cauernas,
et procumbentis iterum consurgere taxos,*

⁷ Lusitano *apud* Oliva Neto 2007: 67-9.

*et non ardentis fulgere incendia siluae,
roboraque amplexos circum fluxisse dracones.*

(3. 417-21)

Era geral rumor que ali se ouviam
mugir as grutas, vacilando a terra,
que o derrubado teixo ali soía
aos ares outra vez alçar a coma,
até sem consumir-se arder o bosque,
e enroscados dragões silvar nas plantas.⁸

Em Lucano têm-se quatro seqüências imagéticas em 4 versos, centradas em 4 orações infinitivas que expandidas por participípios presentes resultam em uma sobrecarga de ações verbais que provocam um efeito de sentido de “floresta em movimento”. No nível sintagmático o paralelismo “adjetivo”...“substantivo” em disjunção, nos vv. 418-20, é potencializado no v. 421 pelo hipérbato *ROBORAque amplexos CIRCUM fluxisse dracones*. Há que se ressaltar a iconicidade do plano de expressão, tanto na sinalefa *roboraque^amplexos*, quanto na posição central de *circum* (entre as cesuras pentemímera e heptemímera).

171

Em Bocage, ainda que se admire a fluência da concatenação de subordinadas em português, gastam-se dois inteiros decassílabos para expressar aquilo que em latim se expressa com quatro palavras. O *procumbentis iterum consurgere taxos*, (verbo e advérbio ligados a um sintagma determinante/determinado de acusativos) é parafraseado pelo longo torneio “que o derrubado teixo ali soía/aos ares outra vez alçar a coma”. Não obstante o vigor da síntese de “até sem consumir-se arder o bosque”, o tradutor não levou em conta a imagem das cobras que se segue, preferindo por compensação, enfatizar o sibilar das

⁸ Bocage 1853: 292-293. Tomo IV.

serpentes, na reiteração de sibilantes (“e enroscados dragões silvar nas plantas”) e no emprego do verbo silvar.

Mesmo que se considerem irrefutáveis a euritmia e a legibilidade da tradução de Elmano Sadino, parece que seu método altera a *uis* retórica (“força expressiva”) do texto de partida, ao recriá-lo em uma expressão poética oitocentista. Se “a voz com a qual e a partir da qual cada um trabalha tende a ser única”, como quer Brodsky, “no entanto, o timbre, o registro e o ritmo que se refletem no metro dos versos são abordáveis”. Bocage, então, converte a forma do texto latino aos seus singulares ideais estéticos, enfim, tudo que viria sob o rótulo de “escola elmânica”, se aceitarmos a definição de Garrett no prefácio de *Lírica de João Mínimo*.¹⁰ No pequeno excerto reproduzido acima, pode-se notar a reiteração anafórica do advérbio *ali*, recurso que não consta do texto latino e que em português acrescenta um ritmo harmonioso não condizente com o original.¹¹

Seguindo uma postura diversa, encontramos Filinto Elísio (Joaquim Manuel do Nascimento), que, embora tendo em princípio um projeto de traduzir Lucano na íntegra, acaba chegando apenas até o verso 227 do canto I, alegando diferenças ideológicas. Algo de seu pensamento sobre tradução aparece no prefácio à versão de Sílio Itálico em versos

⁹ Brodsky 1994: 85 [Trad. S. Flaksman].

¹⁰ Garrett 1963 [1825]: 12-13: “Mocidade estragada [...] que ousa antepor os descompostos versos de Francisco-Manuel e suas odes hieroglíficas aos retumbantes, altisonantes e nunca assaz louvados sonetos da escola elmânica”.

¹¹ Talvez Bocage estivesse tentando compensar o polissíndeto de *et* e *-que*, mas essa figura, cara a Sêneca e Lucano, não parece ter o efeito harmônico equivalente, uma vez que recebe duras críticas de Frontão. *Neque ignoro copiosum sententiarum et redundantem hominem esse; verum “sententiarum eius tolutares video nusquam quadripedo concito cursu tenere, nusquam pugnare, nusquam <ma>iestatem studere”, ut Laberius ait, “dictabolaria, immo dicteria, potius eum quam dicta confingere”, “Nem ignoro que esse homem é abundante na expressão dos pensamentos e redundante. Na verdade, como diz Labério, “vejo que suas frases galopantes nunca chegam à excitada marcha dos quadrúpedes, nunca combatem, nunca anseiam o esplendor, mais do que verbalizações ele produz verborragias, ou melhor, verborréias” (Fronto, *Epistula de oratoribus*, 2).*

portugueses. Para Filinto, uma das maiores dificuldades da tradução é exprimir usos e alusões próprias ao povo [da língua de partida] e, por conseguinte, a língua em que escreveu o autor original: “convém que não só o sentido, mas ainda o estilo do poeta primitivo reveja pelo vulgar”¹². Sua concepção de imitação dos clássicos gregos e latinos se pautava pelo empréstimo:

O modo de aperfeiçoar a língua materna é *enxertando* nela o precioso das outras. Temos o exemplo antigo da língua Romana, que se fez abastada co’as riquezas que tirou da Grega; e, desta, conta Xenofonte que d’entre os proveitos, e vantagens que da força marítima tiravam os Atenienses, era um, e grande, o de ouvirem falar toda a casta de línguas, e tomarem desta uma frase, daquela um termo enérgico, etc., etc. [...] E ora se a língua Grega, a mais bela das línguas européias, a mais louvada dos Romanos, senhores do mundo, se enriquecia com o trato e comércio de outras; quanta riqueza não requer que a língua Lusa tire da Grega e da Latina, e ainda de outras, assinalando-as com o seu cunho, e dando-lhes Carta e provisão de naturalizadas.¹³

173

Fica manifesta uma convivência de duas formas de traduzir dentro do contexto do séc. XVIII. O marcado uso da metáfora botânica nos dois casos é um interessante modo de distinguir Bocage e Filinto. Enquanto o primeiro se interessa por “trazer à pátria/ nova fertilidade em plantas novas[...]/ sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos/ *sem que os estranhe, os desconheça o dono* [português]”, Filinto milita pelo enxerto de termos estrangeiros no seu vernáculo. Principalmente nas versões latinas sua regra para representar o “estilo do poeta primitivo” é buscar uma expressão, quando não latinizada, com tom arcaizante auferido

¹² Elísio 1998: 235.

¹³ Elísio 1998: 63-64, *grifo nosso*.

dos primeiros clássicos portugueses, principalmente os da transição humanismo-renascimento, tais como Dinis, Duarte de Brito, Francisco de Sousa, João de Barros¹⁴. Segundo ele “quanta mais escritura forrar posso, mais mão lanço de termos compreensivos de ampla significação; modernos, antigos, latinos, estrangeiros” (1998, p. 67).

Na Carta a Brito (1790), também conhecida por “Carta em defesa da língua” – da qual foram extraídos, aliás, os excertos acima –, Filinto cita entre os tradutores a serem imitados por seus “almos translados” Elpino Duriense e Corrêa Garção¹⁵. O primeiro deles, de quem Filinto menciona “as cultas odes”, é o tradutor da *Lyrice de Q. Horacio Flacco, poeta Romano, transladada literalmente em portuguez*, cuja concepção tradutória vem estampada já no título. Sendo Elpino Duriense, a par de Filinto, um dos precursores de uma “literalidade” em termos de tradução, vale a pena transcrever sua concepção tradutória:

A tradução é literal, indo, quanto nos foi possível, palavra por palavra após Horácio, repondo sem diminuição nem acréscimo as suas mesmas imagens, tropos e figuras; as suas fórmulas e transições, o seu estilo conciso e apanhado, a maneira poética das suas frases e das transposições na dicção, e até uma parte das posições e remates terminantes de seus versos e estrofes, persuadidos que o verdadeiro tradutor não é imitador, nem parafrasta, senão fiel copiadador e retratista: *fidus interpret*.¹⁶

Enquanto Bocage cita na íntegra o Horácio e sua negação à fidelidade – *nec uerbum uerbo curabis reddere fidus/interpret*¹⁷ (“nem traduzir termo por termo como intérprete/fiel”) – a vertente tradutória de Elpino fica

¹⁴ Cf. Elísio 1998: 28. Por essa razão, Haroldo de Campos especula sobre uma possível influência de Filinto no pensamento tradutório de Odorico Mendes (Campos 1992: 13).

¹⁵ Elísio 1998: 37.

¹⁶ Horácio 1807: VIII-IX.

¹⁷ Hor. *Ars* 134-135.

apenas com o *fidus interpres*, tomando-o afirmativamente. Nesse sentido, todo o zelo bocagiano de evitar o estorvo dos idiotismos, de discernir os gênios (as naturezas) de um e de outro idioma, o que é próprio da vertente elmanista, transforma-se em regra na vertente filintista.

O fato de Filinto seguir de perto o texto latino resultou em uma versão portuguesa de ritmo bastante peculiar. Mesmo servindo-se do decassílabo, seu método cede ao texto de chegada uma certa aridez e obscuridade, muito próximas do texto de partida. Para exemplificar seu modo de traduzir tomamos a passagem do canto primeiro (1.60-62), que trata de uma possível era de paz vinda à humanidade depois da chegada de Nero ao poder.

*tum genus humanum positis sibi consulat armis
inque uicem gens omnis amet; pax missa per orbem
ferrea belligeri conpescat limina Iani.*

Então a humana prole as armas pondo,
os seus úteis consulte e mútua se ame,
Do belígero Jano as férreas portas,
a paz enviada ao mundo inteiro as feche.¹⁸

175

Notem-se as correspondências palavra por palavra do hexâmetro 60: *tum*, “então”; *genus*, “prole”; *positis*, “pondo”; *consulat*, “consulte”; *armis*/“armas”. Quando isso não é possível, o tradutor lança mão da elisão como em *inque gens omnis amet*/“mútua se ame” em que se omite metonimicamente *gens omnis* (parte), em favor do *genus humanum* (todo) – muito embora o sentido de *omnis* seja utilizado relacionado a *orbem* “mundo INTEIRO”. A única escolha mais parafrástica de Filinto é o torneio frasal “os seus úteis consulte” vertendo o sintético *sibi consulat* e, mesmo assim, a idéia de auto-reflexão (*sibi*) é trocada pela

¹⁸ Lucano 1819: 64-65.

aristocrata consulta dos úteis, “bons”, talvez apelando para a relação etimológica do verbo *consulere* com o termo *consul*.

No segundo hemistíquio do hexâmetro 61, há o mesmo número de os termos latinos e portugueses: *pax*, “paz”; *missa*, “enviada”; *per orbem*, “ao mundo [inteiro]”; *ferrea*, “férreas”; *belligeri*, “do belígero”; *conpescat*, “feche”; *limina*, “portas”, *Iani*, “Jano”. A redistribuição sintática feita pelo tradutor parece intentar reelaborar a *golden line* do verso 62 e a disjunção em *enjambement* entre *pax* e *conpescat*. Os hipérbatos em português causados pela anteposição, tanto do adjunto adnominal “do belígero Jano”, quanto do objeto direto “portas...as feche”, visam compensar a logopéia original de um modo bastante lucaniano.

Diante das versões de Lucano à maneira de Bocage e Filinto, as diferentes vertentes estilísticas desses autores, distinguidas já por Garrett e que ficaram conhecidas posteriormente por Elmanismo e Filintismo¹⁹, refletem-se em duas maneiras de traduzir distintas que, ao menos desde Benjamin²⁰, vêm consumindo páginas e mais páginas da ensaística tradutológica contemporânea²¹.

De um lado, a vertente “vernacularizante”, defensora de que, *grosso modo*, o texto de partida deve ser “nacionalizado” no idioma do tradutor. Trata-se da idéia comum de tradução – a que prevalece, por exemplo, no mercado editorial – e que tem em Cícero seu primeiro teorizador²². De outro, a literalizante fundada na idéia da literalidade em tradução

¹⁹ Braga 1918: 187.

²⁰ Benjamin 2001 [1923].

²¹ Sobre tais vertentes e sua vigência contemporânea, cf. Ladmiral 1986.

²² Cic., *Opt. Gen.*, 14: *nec conuerti ut interpretes, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruaui*. “Nem os [Ésquino e Demóstenes] traduзи como tradutor, mas como orador, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considerei necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o estilo e o vigor da expressão” (grifo nosso).

a ponto de se fazer soar a sintaxe e semântica da língua de partida na língua de chegada²³.

Esses diferentes modos de traduzir fundaram duas modulações tradutórias diferentes em seus sucessores, como fica claro no caso de dois produtivos tradutores do séc. XIX tais como são Manuel Odorico Mendes e Antônio Feliciano de Castilho.

Odorico, logo no pequeno prólogo que abre a sua *Eneida brasileira*, apressa-se em filiar-se a uma poética de tradução literalizante ou, em termos de tradição literária, filintista. Quando ele manifesta intentar “um lugar ao pé de Francisco Manuel”²⁴, isso pode ser entendido como a definição de um programa: 1) a versão é decassilábica; 2) o estilo procura um sabor clássico em língua portuguesa, o que equivale a dizer que buscava giros sintáticos e cunho vernáculo dos escritores quinhentistas; 3) o tradutor serve-se de um sistemático emprego de decalques neológicos, buscando enriquecer a língua de chegada; 4) e adota notas e comentários para elucidação de escolhas tradutórias e necessárias minudências sobre cultura romana antiga.

177

Por outro lado, Bocage era o patrono da vertente que propugnava pela fluência e naturalidade do vernáculo em tradução, de modo que o texto de partida soasse como “originalmente” – para usar um termo da época – escrito em português. Era ninguém menos que Antônio Feliciano de Castilho quem, então, praticava e incorporava o método bocagiano.

Esse poeta lusitano declarara em carta de 1862 ao editor Antônio Maria Pereira como se devia traduzir e o quanto lhe repugnava as

²³ No dizer de Benjamin: “O elogio a uma tradução, sobretudo na época de seu aparecimento, não é poder ser lida como um original em sua língua. Antes, o significado da fidelidade garantida pela literalidade é precisamente que se expresse na obra o grande anelo por uma complementação entre as línguas. A verdadeira tradução é transparente, não encobre o original, não o tira da luz; ela faz com que a pura língua, como que fortalecida por seu próprio meio, recaia ainda mais inteiramente sobre o original. Esse efeito é obtido sobretudo por uma literalidade na transposição da sintaxe, sendo ela que justamente demonstra ser a palavra – e não a frase – o elemento originário do tradutor” (Benjamin 2001 [1923]: 209).

²⁴ Virgílio 1854: 5.

obscuridades de tradutores como Filinto Elísio, Elpino Duriense, Lima Leitão e Odorico Mendes. Leiamos alguns excertos:

A lira de Horácio, para aí a trouxeram o mui sabedor Elpino Duriense, o mui devoto Filinto Elísio; mas como? Tão destemperada, que nenhum eco se digna de lhe responder.[...] Com o mantuano ainda nos correm piores fados. [...] Lima Leitão e Odorico Mendes caldearam-no de aço, escureceram-no, entenebraram-no. O pobre poeta, topando naqueles dois calhaus do Parnaso, deu-lhe o tétano e morreu. Suponhamos que se chegava a ler Virgílio neste guapíssimo semi-latim, ou latim melhorado, da nossa terra; que o seu cantar saia cá tão fácil, corrente, e harmonioso, como já soara aos ouvidos de Mecenas e Augusto; que os pensamentos, tanto os principais como os secundários, nos chegavam sem quebra, sem desfiguração; que era a mesma verdade, a mesma naturalidade, a mesma luz suavíssima, a mesma divina fragrância de ambrosia.²⁵

178

Como procurei demonstrar, os nomes de Filinto e Bocage passaram a significar tendências tradutórias distintas em português e serviram como uma declaração de uma teoria de tradução em sua posteridade. Hoje, em contexto lusófono, em que as traduções de Bocage, Castilho e Odorico Mendes são reeditadas e imitadas, essa perspectiva elmanista e filintista ainda possui validade e atualidade. Enquanto tradutores como Haroldo de Campos (Ovídio e Homero) seguem uma linha filintista, há aqueles, como Agostinho da Silva, elmanistas no que concerne à escolha do decassílabo e de uma dicção mais natural e fluente em português. Eis uma pequena mostra de como as escolhas de tradução desses dois grandes poetas do setecentos fundaram vertentes ainda hoje produtivas.

²⁵ Castilho 1908: 47-50.

BIBLIOGRAFIA

- Benjamin, W. (2001), “A tarefa-renúncia do tradutor [Trad. S. K. Lages]”, In Heidermann, W. (coord.), *Clássicos da teoria da tradução*. EDUFSC, 187-215.
- Bocage, M. M. B. (1793), *Eufemia ou O triunfo da religião*. Off. Simão Thadeo Ferreira.
- Bocage, M. M. B. (1853), *Poesias*. A. J. F. Lopes (ed.), Tomo III e IV.
- Braga, T. (1918), *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa: os Árcades*. Livraria Chardon.
- Brodsky, J. (1994), “O filho da Civilização”, In *Menos que um: ensaios*. Flaksman, S. trad., Companhia das Letras, 73-87.
- Campos, H. de (1992), “Odorico Mendes: o patriarca da transcrição”, in Homero. *Odisseia*. Mendes, O. trad., Rodrigues, A. M. (ed.), Ars Poetica/EDUSP, 11-4.
- Castilho, A. F. (1908), “Carta ao livreiro Antônio Maria Pereira”, In *Novas telas literárias*. Livraria Moderna, 29-101.
- Elísio, F. (1998-2004), *Obras completas de Filinto Elísio*. Morais, F. (ed.), APPACDM, Tomo I a XI.
- Fronto, M. C. (1988), *Epistulae*. von den Hout, M. (ed.), Teubner.
- Garrett, A. (1963), *Lírica completa*. Arcádia.
- Horácio, *A lyrica de Q. H. Flacco, poeta romano, trasladada literalmente em verso portuguez por Elpino Duriense* (1807), Imprensa Regia.
- Ladmiral, J.-R. (1986), “Sourciers et ciblistes”, *Revue d’Esthétique* 12: 3-42.
- Lucano (1819), «Pharsalia, de Marco Aenio Lucano», in Filinto, E., *Obras completas de Filinto Elysio*. Bobée, Tomo XI, 60-73.
- Oliva Neto, J. A. (2007), “Introdução: Bocage e a tradução poética no século XVIII”, In Ovídio. *Metamorfoses*. Bocage trad., Hedra, 9-33.
- Oliva Neto, J. A. (2007), “A Eneida em bom português: considerações sobre teoria e prática da tradução poética”, in Martinho, M. et al. (Coords.) *II Simpósio de Estudos Clássicos da USP*. Humanitas, 65-89.
- Virgílio (1854), *Eneida brasileira ou tradução poética de Públio Virgílio Maro*. Intr., trad. e notas de M. O. Mendes. Rignoux.